

Caderno de Resumos



XI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS

São Paulo 2004 - 2024

Patrocínio



Realização



Organização



Apoio



Sumário

EIXO 1 - Ritos funerários: transformações e permanências	
Resumos das Comunicações.....	03-25
EIXO 2 - Cemitérios ontem e hoje: configurações e usos	
Resumos das Comunicações.....	26-52
EIXO 3 - Perspectivas sobre o morrer e o setor funerário	
Resumos das Comunicações.....	53-72

Eixo 1

Ritos funerários: transformações e permanências

O cemitério é lugar de práticas religiosas e não-religiosas que transitam entre o oficial e o não oficial, entre o marginal e o socialmente aceito. A fé e o sagrado comumente se manifestam em rituais individuais e/ou coletivos através de sujeitos e elementos de diferentes credos e origens, em interconexões entre o mundo dos vivos e dos mortos. Acercar-se das relações e sentidos (de ontem e hoje) dessas práticas funerárias é o objetivo deste eixo temático, que abrange rituais funerários, cerimônias religiosas, bem como, a simbologia e iconografia, visões de religiões de todo tipo, e expressões espirituais, da memória e da ancestralidade que suportam as ações e ritos funerários.

Palavras chaves: rituais funerários; patrimônio cultural; santos populares/milagreiros; iconografia, simbolismos.



A MORTE DA PANDEMIA: RAIVA E TRISTEZA COMO FORÇAS AFETIVAS DO LUTO.

Andreia Vicente da Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste/Unirio)
deiavicente@gmail.com

As narrativas dos enlutados que perderam parentes durante a primeira fase da pandemia de Covid-19 no Brasil estão repletas de expressões associadas à raiva, frustração e angústia. Esses interlocutores experienciaram aquilo que tenho denominado de “rituais funerários abreviados” - que foram resultado das medidas de biossegurança impostas pelo governo brasileiro a partir de março de 2020 para conter o avanço da doença no país. Naquele contexto, a supressão de fases e de atores participantes fez surgir uma experiência de morte que ressoa em relatos de enlutados rememorando a impossibilidade de cuidar e proteger os doentes e de preparar e homenagear os mortos. Nesta comunicação, quero debater a forma como a morte da pandemia e os cortes dos rituais afetaram essas experiências. Estou especialmente interessada na interação entre raiva e tristeza como forças afetivas que moldam o luto. Para exemplificar, analisarei o caso de Marcelo que perdeu a esposa Leticia, uma jovem de 23 anos sem comorbidades para a Covid-19. Neste caso em específico, é possível debater como o poder dos agentes hospitalares em aplicar princípios aproximados à perspectiva da “morte moderna” se confrontou com as expectativas do enlutado gerando reações violentas. De maneira geral, argumento que a interrupção do fluxo do ritual e as emoções negativas relatadas apontam para a centralidade do aspecto relacional na avaliação do fracasso do rito.

Palavras-chave: morte; covid-19; emoções.



SANTIFICADO PELA TRAGÉDIA: O LEGADO DE FRANCILINO AO POVOADO DE ESPINHOS

Antonio Renaldo Gomes Pereira
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
renaldogomes@live.com

Valentina da Silva Dias Pereira
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)
dias.valentina@outlook.com

Este trabalho investiga as práticas devocionais realizadas em torno do cenotáfio de Francilino, um homem que se tornou objeto de culto, onde devotos oferecem água, roupas, calçados e outros objetos. Este estudo busca compreender como um indivíduo cuja vida foi abruptamente interrompida pela violência se transformou em uma figura capaz de inspirar devoção. A análise se concentra nos elementos simbólicos presentes nos cenotáfios, explorando os significados atribuídos às ofertas votivas na busca por compreender o papel da memória coletiva na construção e perpetuação desse culto, examinando narrativas orais e práticas rituais associadas ao indivíduo em questão. Nesse intuito, são considerados os contextos histórico, social e cultural que moldaram a transformação de Francilino em uma figura de culto. A pesquisa combina métodos etnográficos, análise simbólica e estudos de memória social. Realizei observações no local de culto (Espinhas, São Gonçalo do Amarante, Ceará) e entrevistas com devotos nos meses de abril e julho de 2023. Os resultados contribuem para uma melhor compreensão dos processos de formação de cultos populares e das dinâmicas de memória coletiva em contextos de violência.

Palavras-chave: culto aos mortos; devoção; cenotáfio.



QUANDO OS MORTOS SÃO ESQUECIDOS – DOIS CEMITÉRIOS CENTENÁRIOS E PERIFÉRICOS EM MANAUS – NOSSA DA CONCEIÇÃO DAS LAJES E NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Aracelli Cristiane da Cruz Fodra
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
aracelli.fodra@seducam.pro.br

Tatiana de Lima Pedrosa Santos
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
tatixpedrosa@yahoo.com.br

O presente trabalho é uma complementação da dissertação de mestrado que está sendo realizada em relação aos cemitérios Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição das Lajes, em Manaus, caracterizados como cemitérios periféricos, ou seja, aqueles que não apresentam edifícios arquitetônicos em seus túmulos e sepulturas, e por localizarem-se em áreas distintas da área central da cidade. Apesar de serem cemitérios centenários, possuem divergências sobre a data de seus surgimentos e ainda perdura um desconhecimento da população sobre a existência deles. Entendemos que a necessidade de preservar a existência patrimonial cimiterial de um lugar corresponde também à necessidade de manutenção da memória coletiva que o cemitério possui, uma vez que ele representa a vida, o crescimento e desenvolvimento da cidade, e através de seus inumados, documentos e histórias, temos a continuidade da história da cidade, para que haja um resgate sobre a história e relevância deles para aqueles que dele necessitam. Este trabalho ainda está em fase de elaboração e tem como objetivo complementar as futuras pesquisas na área de cimiterial.

Palavras-chave: cemitérios periféricos; cidade; estudos cimiteriais.



SOBRE MORRER E PERMANECER NO REINO DESTE MUNDO: A PRESENÇA DOS MORTOS NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO HAITIANO.

Armstrong da Silva Santos
Universidade Federal do Acre
armstrong.santos@ufac.br

Esta é uma reflexão sobre os processos de resistência elaboradas no contexto revolucionário de Saint-Domingue (Haiti) no séc. XVIII, quando pessoas escravizadas redirecionaram tecnologias coloniais para transformá-las em instrumentos de resistência, luta e liberdade. Neste estudo, fazemos referência à vida e morte de François Mackandal e Dutty Boukman, que organizaram complexas redes de resistência na parte ocidental da ilha caribenha, desafiando a linguagem da dominação; articulando relações entre animais, plantas, pessoas e deuses em prol da libertação das terras e gentes escravizadas. Com base na leitura dos textos de Benjamin (1987), Carpentier (1985) e Mbembe (2018), problematizamos como a execução dos dois patriarcas negros, que deveria servir como exemplo definitivo do que ocorre com os desobedientes, tornaram-se símbolos de uma vitória anunciada, desde que a coragem de outros revolucionários encarnasse a vida dos líderes executados. As conclusões apontam para uma ressignificação da morte no contexto da revolução haitiana como tática de liberdade. Aqueles sujeitos apropriaram-se da morte para transformá-la em discurso e prática na luta pela vida.

Palavras-chave: morte; liberdade; revolução haitiana.

CEMITÉRIO DOS INGLESES DE RECIFE: UM ESTUDO PILOTO DA TIPOGRAFIA MEMORIAL

Bruno Vieira
Universidade de São Paulo (FAUUSP)
ibrunovieiras@gmail.com

Priscila Lena Farias
Universidade de São Paulo (FAUUSP)
prifarias@usp.br

Esta pesquisa tem como objetivo discutir sobre os elementos tipográficos nos túmulos do século XIX no cemitério dos ingleses na cidade de Recife/PE. Debruçando na recorrência tipográfica do cemitério e assim como as suas características. Tem como aporte metodológico, pesquisa *in loco*, com coleta de dados a partir da criação e teste piloto de uma ficha com foco nas inscrições no ambiente cimiterial. A ficha abrange uma diversidade de classificação de estilos tipográficos latinos e não latino, como também a forma em que estas letras são compostas nos túmulos. A coleta de dados foi realizada dos túmulos que indicam sua presença no cemitério desde o século XIX, isso é, túmulos que contemplam data de falecimento do século XIX. Para este estudo piloto, foram selecionados 66 túmulos para análise e teste da ficha. O resultado mostra como o cemitério dos ingleses de Recife possui uma diversidade tipográfica em suas lápides que remetem ao século XIX, assim como a eficiência da ficha para coleta de dados no cemitério.

Palavras-chave: elementos tipográficos; cemitério; design.

MORTE E COTIDIANO NAS CARTAS DO POETA ÁLVARES DE AZEVEDO

Carla Aires Martins
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
carla.airesmartins@gmail.com

Maior expoente da geração de poetas ultrarromânticos brasileiros, o nome de Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) costuma evocar um imaginário de morte e melancolia, refletindo os temas sombrios muito presentes em sua obra. Dos únicos meios de vislumbrar algo de sua vida curta, porém cercada de vários mistérios, é a coleção de cartas escritas nos períodos em que morou longe da família, sendo em maior número as que datam do tempo que passou estudando direito em São Paulo, para onde partiu em março de 1848, aos dezessete anos incompletos. Nas missivas, endereçadas principalmente à mãe, o jovem estudante transmitia notícias do cotidiano na cidade, e uma das questões presentes remete aos costumes funerários de um período anterior ao encerramento dos enterros no interior das igrejas. São trechos que aludem a hábitos como os festejos dos funerais de anjinhos na descrição do funeral da neta da marquesa de Santos. Em outros trechos percebe-se o contexto de proliferação de epidemias relacionado, como se sabe, ao questionamento das práticas de sepultamento vigentes. “Há por aqui bastantes doentes (...) É raro dia que aqui não há enterro. Ontem houveram (*sic*) 3”, escreveu o poeta.

Palavras-chave: Álvares de Azevedo; morte; século XIX.



O TÚMULO DE BENEDITA CIPRIANO GOMES, LUGAR DE MEMÓRIA DE
“SANTA DICA” NO DISTRITO DE LAGOLÂNDIA, PIRENÓPOLIS (GO):
DESAFIOS PARA A PRESERVAÇÃO DE UM PATRIMÔNIO FUNERÁRIO GOIANO

Carlos Cipriano Gomes Junior
Universidade Estadual de Goiás (PROMEP/UEG)
carlos.cipriano@ifg.edu.br

Benedita Cipriano Gomes (1905-1970), conhecida por “Santa Dica”, foi a líder de um movimento messiânico no interior de Goiás, entre 1923 e 1925. O “movimento dos Anjos” deu origem ao vilarejo de Lagolândia, distrito de Pirenópolis (GO), com população atual estimada em 500 habitantes. Conforme seu desejo, Dica foi inumada em um local distante do cemitério local, em frente à sua casa e próximo a uma gameleira – árvore do gênero *Ficus*. Segundo relatos, a sombra dessa árvore abrigou reuniões de seus seguidores, suas folhas eram usadas em seus procedimentos de cura e em sua copa uma “legião de anjos” veio proteger o povoado no “Dia do Fogo”, episódio de repressão policial que pôs fim ao movimento. Anos depois de seu sepultamento, ergueu-se um túmulo em sua memória. Outra árvore do mesmo gênero sobre ele cresceu e vem “degradando” o singelo monumento fúnebre com a força de suas raízes. A partir do termo “lugar de memória” (Nora, 1993) e da relação de Dica com a morte e os espíritos, analisa-se as dimensões material, simbólica e funcional do túmulo e sua relação com a história, a memória e a cultura da comunidade lagolandiense, abordando os desafios para a preservação desse patrimônio funerário.

Palavras-chave: “Santa Dica”; túmulo; patrimônio funerário.



FORMAS DE REMEMORAÇÃO E CONSOLO ENTRE OS ENLUTADOS DA
COVID-19 NO BRASIL: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS

Cleonardo Mauricio Junior
Museu Nacional (UFRJ)
cleonardomj@gmail.com

Neste trabalho, pretendo discutir como as especificidades das mortes durante a pandemia da Covid-19, especialmente sua economia moral e a interdição dos rituais fúnebres adequados, vêm condicionando as formas de rememoração e consolo dos enlutados. Tanto a gradação moralizante das mortes em mais ou menos enlutáveis, devido principalmente à culpabilização das vítimas seja por sua própria contaminação ao supostamente não cumprirem protocolos sanitários ou por possuírem comorbidades, quanto a impossibilidade de se despedir e velar os seus mortos trazem um caráter traumático às perdas na pandemia e dificuldades na elaboração das perdas.

Diante deste quadro, como os enlutados da COVID-19 vêm remodelando as formas de lidar com o luto no Brasil? Quais as práticas de rememoração e consolo criadas por aqueles que perderam seus entes queridos? Para responder a essa pergunta, acompanho um grupo de pessoas que perderam familiares durante a pandemia na cidade do Recife. Por fim, acrescento a esses dados uma perspectiva autoetnográfica, uma vez que estou entre os milhares de enlutados pela Covid-19 no Brasil.

Palavras-chave: luto; covid-19; rememoração.

DIA DE FINADOS E NECROIMAGÉTICA NO CEMITÉRIO PARQUE DA PAZ (CE)

Diego Benevides Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
diegobenevidess@gmail.com

Marcelo Dídimio Souza Vieira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
mdidimo@ufc.br

Este ensaio é resultado de uma visita de campo realizada no Cemitério Parque da Paz, em Fortaleza (CE), durante o primeiro Dia de Finados aberto ao público após o início da pandemia de Covid-19, em novembro de 2021. O objetivo da visita, que aqui se apresenta mais como um relato de experiência ensaístico comentado, foi observar a participação de enlutados após o período de crise sanitária, que retornam aos cemitérios para visitar os entes queridos como parte de um ritual de reaproximação, respeito e saudade que são comuns na sociedade ocidental. Trazemos imagens fotográficas autorais como material de análise, em diálogo com as nossas referências de pesquisa que discutem as interpretações estéticas da finitude por meio da elaboração e do visionamento de imagens técnicas. Chamamos de necroimagens o conjunto de discursos, narrativas e aparências que as imagens podem criar a partir do pensamento e das vivências individuais ou coletivas sobre as temáticas que envolvem a morte, como o medo, a solidão, o enfrentamento da dor, o processo de luto e a ruptura de vínculos afetivos.

Palavras-chave: morte; cemitério; necroimagética.

ENTRE OS VIVOS E OS MORTOS: FRICÇÕES RELIGIOSAS ACERCA DOS CORPOS QUE CAEM DO CEMITÉRIO DE VÁRZEA NAS ÁGUAS DO RIO SOLIMÕES EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DO AMAZONAS

Felipe Magno Silva Pires
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
felipe.pires@ifam.edu.br

Este artigo apresenta uma análise da visão de povos tradicionais não indígenas a respeito do problema da queda do cemitério nas águas do rio Solimões, com ênfase nas perspectivas católica e evangélica, visto que essas são as vertentes religiosas mais professadas pelos comunitários. O ponto de partida é a análise do cemitério da comunidade, que cai nas águas do rio Solimões em razão do processo de erosão fluvial. A metodologia atende às orientações das abordagens qualitativas, tendo por base uma amostra composta por 6 pessoas, 3 autodenominadas católicas e 3 autodenominadas evangélicas, membros da comunidade onde o cemitério se encontra. Os participantes da pesquisa foram ouvidos sob a técnica da entrevista oral, durante visitas ao longo do ano de 2023. A pesquisa demonstra divergências religiosas impedem que os comunitários encontrem uma solução para o problema dos corpos que vão para o rio. Conclui-se que o impasse a respeito dos mortos no cemitério de várzea prejudica as demais relações do povo tradicional da comunidade, pois evoca alguns problemas espirituais, ambientais e econômicos, que influenciam os modos de vida e sociabilidade local.

Palavras-chave: morte; povos tradicionais; amazônia.

CEMITÉRIO SÃO BRÁS: ENTRE ORALIDADE E HISTÓRIA NA COMUNIDADE RURAL DE SÃO MIGUEL, PALMEIRÂNDIA-MA

Francisco Pedro Arouche
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
franciscopedroarouche@gmail.com

Dimas dos Reis Ribeiro
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
dimas.ribeiro@ufma.br

Este trabalho analisa as tradições culturais, crenças, costumes e superstições que permeiam o imaginário do luto em torno do pequeno cemitério chamado de São Brás na zona rural do município de Palmeirândia-MA. Procura-se entender as tradições existentes e mantidas através da oralidade. Para obter uma melhor compreensão sobre a problemática foram realizadas várias visitas ao cemitério, principalmente no tradicional Dia de Finados, bem como, o acompanhamento de vários sepultamentos ao longo do ano, quando foram entrevistados alguns moradores, efetuados registros fotográficos e ouvido histórias e causos sobre a morte e os mortos. Busca-se uma melhor compreensão e a importância das tradições para a população local e para História do município, haja visto que o Cemitério São Brás é o único local oficial de sepultamentos num raio de mais de 10 comunidades rurais circunvizinhas. O trabalho reúne fontes sobre tradições, crenças, iconografias e um histórico sobre o cemitério, que hoje é mais conhecido pelo nome da comunidade, ou seja, Cemitério São Miguel. Portanto, este estudo discute curiosidades sobre este pequeno espaço dos mortos, construído com o objetivo de ser particular de uma família, mas que acabou tornando-se coletivo. Fato é que o seu idealizador e construtor que em vida expressava o desejo de ser sepultado na localidade acabou tendo seus restos mortais conduzidos para o cemitério de outro município, a saber, São Bento-MA.

Palavras-chave: povoado São Miguel; tradições orais; cemitérios.

FETE GEDE: O CULTO AOS ANCESTRAIS NO CEMITÉRIO DE PORTO- PRÍNCIPE, HAITI

Henrique Campideli Silva Camacho
Universidade de São Paulo (USP)
henriquecampideli@usp.br

Em 2 de novembro, tradicional dia de finados no calendário católico, uma expressiva quantidade de fiéis do Vodou haitiano, religião oficial do país caribenho, se deslocam de inúmeros pontos do país, para a celebração de seus antepassados na capital Porto-Príncipe. Diferentemente do que se observa em outras culturas forjadas através do colonialismo europeu, regadas de prantos, lamentos e melancolia, a celebração dos espíritos dos mortos do panteão Vodou – chamados *Gede*, é destacada por seu caráter festivo, colorido e descontraído, uma interessante forma de ritualizar e comungar com um fenômeno temido e lamentado em outras culturas – a morte; lado-a-lado com os espíritos de seus antepassados e utilizando o cemitério como um grande templo a céu aberto, a *Fete Gede* (Festa dos *Gede*) permite que os seguidores do Vodou transformem o espaço cimiterial em um cenário de performance ritualística, onde vida e morte são celebradas, sem medos ou tabus, por meio de cânticos, danças, alimentos e analogias, que visam brincar com a morte e escarnear a efemeridade da vida terrena. Este estudo parte de investigações acerca da cultura haitiana e dos ritos fúnebres dentro da religião Vodou.

Palavras-chave: vodou; ritos funerários; Haiti.



ENTRE A TRAGÉDIA E A DEVOÇÃO: O CEMITÉRIO COMO LUGAR DE MANIFESTAÇÃO DE FÉ À ANTERO

Jaciely Soares da Silva
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG/Salinas)
Jaciely.silva@ifnmg.edu.br

Bergston Luan Santos
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG/Salinas)
Bergston.santos@ifnmg.edu.br

Este trabalho explora a devoção popular a Antero da Costa Carvalho, residente em Catalão-GO, na década de 1930. Foi acusado e morto por jagunços e moradores após ser indiciado pela morte de um fazendeiro da região. Antero torna-se parte significativa da história e memória da cidade. A partir do episódio central de sua morte, a narrativa de Antero adquire dimensões trágicas e devocionais, levando parte da população a atribuir-lhe poderes sobrenaturais, transformando-o em uma figura santa no imaginário religioso local. O cemitério da cidade é um dos locais de devoção. O trabalho adota a abordagem da História Cultural, explorando conceitos como cultura, religiosidade popular, memória e imaginário. A metodologia inclui debates sobre cultura popular, santidade e religiosidade, utilizando fontes documentais como livros memorialísticos, fontes orais e ex-votos. Essas fontes fornecem vestígios da vida e morte de Antero, mantida e propagada a partir da experiência devocional vivenciada e compartilhada, em grande maioria, pelos seus devotos.

Palavras-chave: religiosidade popular; cemitério; ex-voto.



RITOS FÚNEBRES E ESPAÇOS SAGRADOS: POR UMA HISTORICIDADE DO ENCONTRO DAS RELIGIOSIDADES NA BAIXADA MARANHENSE

Julyana Cabral Araújo
Programa de pós-graduação em História (PPGHIS-UFMA)
julyanacabral007@gmail.com

Ítalo Domingos Santirocchi
italosantirocchi@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo analisar os fenômenos religiosos com elementos populares no espaço cimiterial da Baixada Maranhense. Para tanto, busca-se compreender a religiosidade presente nesses ritos de morte enquanto encontro de práticas das religiões ditas oficiais, não-oficiais e marginalizadas. Como passos metodológicos utiliza-se da História Oral e análise de cadernos de campo como instrumentos práticos de uma pesquisa interdisciplinar entre os métodos da História e Antropologia. Nesse meio, inclui-se o método da História Oral buscando elaborar uma história objetiva da subjetividade que vá além da simples história do acontecimento. Como aportes conceituais foi pertinente uma revisão crítica dos estudos de Ferreti (1988) sobre sincretismo afro-brasileiro e de Dupront (1979) no campo da antropologia religiosa, precisamente sobre o que se refere ao conceito de “objeto sagrado”. Por todos esses aspectos, esse estudo é pertinente por abordar os fenômenos religiosos cada vez mais heterogêneos. Portanto, pode-se dizer que os ritos de morte e a religiosidade é por natureza fonte da História pela sua capacidade de adaptação no tempo.

Palavras-chave: religiosidade popular; ritos fúnebres; baixada maranhense.



ENTERRAMENTOS EM TEMPOS DE GUERRA: O CONTESTADO, SEUS MORTOS E ENCANTADOS

Lourival Andrade Junior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
lourivalandradejr@yahoo.com.br

No início do século XX nos sertões frios e úmidos do sul, uma guerra deflagrada contra os sertanejos que viviam em terras catarinenses, tornou-se um dos conflitos mais sangrentos e duradouros de nossa história. Cemitérios foram abertos para receber os corpos. Cemitérios foram violados para desenterrar os mortos. Espaços de práticas religiosas foram surgindo a partir da construção de narrativas sobre encantados, de seres que teimavam em não morrer. A Guerra do Contestado, ocorrida de 1912 a 1916, teve como palco as regiões do planalto e oeste de Santa Catarina. Neste longo período de conflitos entre os sertanejos da região e os exércitos governamentais com apoio de milícias (jagunços), diversos cemitérios foram nascendo e fornos crematórios construídos, bem como valas foram abertas para receber os corpos de ambos os lados do conflito. Os mortos eram enterrados no movimento. Tudo isso compõe o cenário da Guerra do Contestado, com seus cemitérios, rezas, encantarias, rituais para um bem morrer, espaços de memória, e devem ser entendidos conjuntamente, complexificando seus sentidos e seus usos no passado e no presente.

Palavras-chaves: cemitério; contestado; sertões.



ILUMINAR E BEBER: O RITUAL DE ILUMINAÇÃO AOS MORTOS E O CONSUMO DE MANICUERA NA CIDADE DE VIGIA DE NAZARÉ - PA

Marcelo Alves Costa
Universidade Federal do Pará (UFPA)
marciieelloalves@gmail.com

A presente pesquisa analisa algumas lógicas simbólicas expressas no ritual da iluminação e no consumo de manicuera pela ocasião de finados (02 de novembro) na cidade de Vigia de Nazaré - Pará. Considera-se que o Dia de Finados, apesar de ser uma tradição de origem católica, congrega no Brasil, elementos de diversas matrizes culturais, seja por elementos estéticos e precauções rituais herdadas e ressignificadas das tradições africanas, ou mesmo das culturas indígenas do país, em especial, as tradições do povo tupinambá. Considerado por muitos estudiosos um dos mais emblemáticos grupos étnicos originários referentes ao processo de formação da sociedade brasileira. Analisar o consumo do mingau de manicuera, bebida típica do ritual da “iluminação” aos mortos, exige compreender as contribuições culturais dos povos indígenas para com os modos de perceber e lidar com a morte e os mortos na sociedade brasileira.

Palavras-chave: antropologia da morte; manicuera; beberagens.



QUANDO EU ME CHAMAR SAUDADE: MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E ESPAÇOS TUMULARES DE SAMBISTAS NOS CEMITÉRIOS CARIOCAS

Maria de Fátima Rocha da Fonseca
Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro
mfrf73@hotmail.com

Lugares de memória por excelência, as necrópoles de uma cidade guardam parte significativa de sua história. Quase sempre, a morada eterna dos mortos consiste em um desdobramento quase que perfeito da cidade em que habitam os vivos. Nos cemitérios cariocas jazem diversas personalidades (compositores, cantores e carnavalescos) ligadas à nossa memória musical, inclusive do samba, gênero que se tornou um signo por excelência da cidade do Rio de Janeiro. A localização dos espaços tumulares, símbolos, fotografias e epitáfios revelam trajetórias biográficas, construções de memória e de esquecimento desses artistas. A presente comunicação tem por objetivo analisar de que forma os espaços tumulares analisados perpetuam (ou não) a memória de homens e mulheres que contribuíram para a construção de nossa musicalidade. Para tal, procuramos analisar de forma conjugada cinco variantes: em primeiro lugar, a composição desses espaços tumulares, suas iconografias e epitáfios. Em segundo lugar, a necrópole em que se localizam os jazigos. Em terceiro lugar a própria localização dos jazigos dentro de cada cemitério. Por fim, levamos também em consideração fatores como cor e gênero dos inumados. Para a apresentação do presente trabalho, procuramos abranger personalidades inumadas nos cemitérios de diferentes regiões da cidade: Botafogo, Caju, Irajá, Inhaúma, Catumbi e Sulacap. Sustentam as devoções e o registro das identidades sociais e míticas dos também conhecidos como “santos populares”.

Palavras-chave: história do samba; arte tumular; história da morte.



CEMITÉRIO DOS BRITOS: PRÁTICAS FUNERÁRIAS E ALTERAÇÕES NA PAISAGEM

Patricia de Oliveira
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)
pati_oliv@hotmail.com

Mauro Alexandre Farias Fontes
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)
mauro.farias@ufape.edu.br

Aqui pretendemos compreender, através da interdisciplinaridade, a práticas funerárias aplicadas ao Cemitério dos Britos e as transformações na paisagem entre o final do século XIX até a atualidade. O Cemitério dos Britos está localizado em Araraquara-SP. Através de uma análise histórica, sociológica, arqueológica e geográfica, do local do santuário, apresentamos suas transformações e intencionalidades que, de alguma forma, expressam as disputas ideológicas, bem como suas características místicas guardadas na memória da população. O local onde hoje é o cemitério, foi de importância estratégica para diversos acontecimentos da cidade: enterramentos daqueles que morreram de doenças contagiosas; enterramento de pessoas escravizadas; sepultamento de Rosendo e Manoel Brito e; na atualidade, é um importante local de manifestação da fé da população. Contudo, todas essas transformações apresentam um contexto social, político, econômico e cultural da cidade. Assim, conhecer esse contexto é o que nos interessa neste artigo, visando compreender a Paisagem do cemitério enquanto Espaço e/ou Lugar e suas transformações ao longo do tempo.

Palavras-chave: práticas funerárias; paisagem; lugar.



DE “ANJINHOS” E LÁGRIMAS: NARRAÇÃO, SEPULTAMENTOS E REFLEXÕES ENTRE TRABALHADORES DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA EM RIO BRANCO-ACRE

Poliana de Melo Nogueira
Universidade Federal do Acre
poliana.nogueira@sou.ufac.br

Esta comunicação tem por objetivo dialogar com as dimensões do luto e as práticas funerárias a partir de narrativas produzidas por trabalhadores e trabalhadoras do Cemitério São João Batista, em Rio Branco - Acre. Com base em entrevistas gravadas com trabalhadores daquele campo sagrado, procuramos evidenciar como a materialidade e o imaginário se cruzam, afetando a produção das identidades desses sujeitos, suas práticas cotidianas entre outros aspectos que julgaram importante compartilhar durante as entrevistas. Para tanto, diálogo com autores como: Foucault (2013), Larrosa (2004), Certeau (2014) respectivamente para tratar das questões relativas ao corpo, à experiência e as práticas sociais como eixos de adequação, contestação e resistência frente às problemáticas cotidianas. A investigação apontou para um conjunto de fazeres e modos de interpretação elaborados por esses homens e mulheres como táticas de sobrevivência no contato com a morte e o morrer.

Palavras-chave: morte; narrativas; experiências.



TRAJETÓRIAS EM TIPOLOGIAS FUNERÁRIAS

Sofia Groppo
Universidade de São Paulo (USP)
sgroppo@usp.br

Eliane Aparecida Del Lama
Universidade de São Paulo (USP)
edellama@usp.br

Práticas funerárias, cujos registros ainda são incompletos, são atemporais no gênero *Homo*. No entanto, do que se conhece, é possível constatar a diversidade de tipologias construtivas, das quais pode-se traçar um histórico, levando em consideração os materiais utilizados: as pedras. Por consistirem um material durável e resistente, foram extensamente utilizadas no patrimônio cultural e funerário. Dentre muitas tipologias funerárias pétreas, algumas delas e seus respectivos exemplares incluem: covas funerárias – Amantes de Valdaro (Itália); sepulturas em câmaras – Maeshowe (Escócia); monumentos megalíticos (dólmenes, menires e cromeleques) – Dólmenes de Antequera (Portugal), Pedra de Balder (Noruega) e Stonehenge (Inglaterra), respectivamente; *tholos* – Tesouro de Atreu (Grécia); enterramentos em igrejas – Abadia de Westminster (Inglaterra); necrópoles/cemitérios (e tipologias associadas: sepultura, estela, oratório, jazigo capela, mausoléu, jazigo monumento e túmulo verticalizado) – Cemitério Acatólico (Itália); e cenotáfios – Cenotáfios de Ahar (Índia). É cientificamente relevante um levantamento qualitativo que contenha a descrição material/ geológica de exemplos diversificados de manifestações funerárias ao redor do mundo.

Palavras-chave: levantamento; tipologia; geociências.



A BUSCA PELOS MILAGREIROS DOS CEMITÉRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO: ENTRE EDITAIS, FURTOS E APAGAMENTO.

Thiago de Souza
oqueateassombra@gmail.com

Paulo Renato Tot Pinto
paulorenatotp@gmail.com

No ano de 2023, durante o processo de concessão dos cemitérios públicos da cidade de São Paulo, para a iniciativa privada, um anexo ao edital de chamamento de empresas interessadas destacou a existência preliminar de doze “sepulturas de pessoas sujeitas à devoção popular” e a necessidade de preservação dessas edificações e seus rituais, por parte das concessionárias. As sepulturas em questão “abrigam” o fenômeno conhecido como “milagreiros e milagreiras de cemitério” que diz respeito à pessoas que são alvo de devoção tendo como locus das práticas devocionais o seu lugar de sepultamento ou de morte. No entanto, em visitas e buscas realizadas nos demais cemitérios inseridos no mesmo processo de concessão, ficou evidente a existência de outros sepultados e sepultadas com tais características supracitadas que não foram mencionadas no edital preliminar. Tendo sido reunidas e sistematizadas as informações de localização juntamente com um breve histórico, foi protocolada uma carta endereçada à prefeitura da cidade de São Paulo solicitando a inclusão no referido anexo do edital desses novos milagreiros e milagreiras identificados nas saídas de campo. Além da inclusão, a carta reforçava a necessidade de salvaguardar suas unidades tumulares considerando que muitas delas estiveram sob risco de desaparecimento devido à ações como furtos e vandalismo. Como forma de contribuir para a preservação desses locais de devoção, o grupo criativo “O Que te Assombra?” criou um podcast e um livro e parte desse projeto e seus desdobramentos será apresentado nesse trabalho que busca abordar os desafios enfrentados no levantamento, as relações entre milagreiros e devotos, as histórias e narrativas que sustentam as devoções e o registro das identidades sociais e míticas dos também conhecidos como “santos populares”.

Palavras-chave: milagreiros de cemitério; devoções; apagamento.



A ILUMINAÇÃO DOS MORTOS EM CURUÇÁ-PA: RITO FÚNEBRE ESPETACULAR SECULAR NO CEMITÉRIO SÃO BONIFÁCIO

Valéria Fernanda Sousa Sales
Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA)
vsfsales79@gmail.com

Entre etnografias, documentos históricos, estudos bibliográficos, o luto pela morte do meu pai e a pandemia de Covid-19, este artigo apresenta reflexões da minha pesquisa de doutoramento “Saudades, Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA”. Tese escrita no corpo de um metaprocessos, em que estive de frente com o espelho do autoconhecimento para viver o luto, e mergulhada na metalinguagem em se tratar da morte, vivendo a pesquisa em um mundo pandêmico. Discussões realizadas através de etnografias em alteridade com observadores, participantes e praticantes da Iluminação dos Mortos no cemitério São Bonifácio em Curuçá-PA nos anos de 2017 a 2021. Processo que moveu as concepções de campo de pesquisa à igreja da Ordem Terceira do Carmo, na cidade histórica de Sabará – MG, para compreender a estrutura das igrejas-cemitério, do cemitério São Bonifácio e o rito fúnebre da Iluminação dos Mortos com seus Vizinhos de Sepultura, Zeladores de Túmulo, biscateiros e o Cemitério Fashion, no Dia de Finados.

Palavras-chave: iluminação dos Mortos; cemitério São Bonifácio; rito fúnebre.

O CEMITÉRIO DA TERRA DOS PRESIDENTES: A MÍSTICA VARGUISTA E O CEMITÉRIO JARDIM DA PAZ EM SÃO BORJA/RS

Eixo 2

Cemitérios ontem e hoje: configurações e usos

Nas últimas décadas, os cemitérios têm passado por importantes transformações em seu formato e nos rituais ali praticados. Tais transformações têm introduzido novos elementos, ações, crenças e referências para reflexões acerca de nossa cultura, sociedade, religiosidade, entre outros âmbitos. Esse eixo propõe discutir os cemitérios como espaços em constante transmutação através de trabalhos que considerem a diversidade de sua configuração e usos como no caso de visitas mediadas, educação patrimonial e projetos de comunicação de acervo, especialmente, debater os formatos mais contemporâneos de sepultamento como a cremação, os cemitérios verticais e os digitais, e suas implicações nas relações com o morrer e os mortos, no imaginário, na arte, na arquitetura funerária e nos rituais.

Palavras-chave: cemitérios; contemporaneidade; arquitetura; arte funerária; Rituais.

Adriane Piovezan

Secretaria do Estado da Educação do Paraná (SEED/PR)

dricapiovezan@gmail.com

Conhecida como “Terra dos Presidentes”, São Borja está localizada no oeste do Estado do Rio Grande do Sul. A memória do Varguismo é visível em diferentes espaços como os memoriais de Getúlio Vargas e João Goulart, o Mausoléu de Vargas na Praça XV de Novembro e o cemitério Jardim da Paz. A presente comunicação problematiza os diferentes usos do Cemitério Jardim da Paz e a mística varguista neste espaço. Mesmo com o traslado dos restos mortais de Getúlio Vargas em 2004, o túmulo da família Vargas ainda permanece como destaque neste espaço cimiterial, na mesma alameda dos túmulos de Gregório Fortunato e de João Goulart e Leonel Brizola. Estas figuras marcam a história política brasileira do século XX tanto pela continuidade do varguismo em diferentes níveis. Ao mesmo, a presença destes personagens no cemitério permite identificar os diferentes usos da memória, passando de palco para celebrações, propagandas políticas e de tensão como a que ocorreu em 2013 durante o processo de exumação do ex-presidente João Goulart. As diferentes configurações e usos deste cemitério podem ser analisadas neste estudo de caso.

Palavras-chave: cemitério; memória; varguismo.



O MORTO E O EDIFÍCIO: NOTAS SOBRE O PRIMEIRO CEMITÉRIO VERTICAL PÚBLICO PAULISTANO

Aline Silva Santos
Instituto Federal de São Paulo – *campus* São Paulo (IFSP)
aline.santos@ifsp.edu.br

O presente trabalho visa problematizar o denominado “cemitério vertical” do cemitério São Pedro, situado na zona leste da cidade de São Paulo. Este, consiste em três blocos verticalizados pré-fabricados, constituídos por 6 conjuntos de gavetas (lúcios) sobrepostos, instalados em área de estacionamento da referida necrópole. Implantado e inaugurado às pressas pela Prefeitura Municipal de São Paulo em 2020, logo no início da pandemia da covid-19, visava, de acordo com a municipalidade à época, auxiliar na destinação dos corpos dos mortos na pandemia. Possui aproximadamente 1 mil lúcios padronizados que, até o observado ao final de 2023, ano de concessão do cemitério à iniciativa privada, ainda não foram totalmente ocupados. Pretende-se assim, a partir de visitas a campo ao longo dos anos, apresentar as formas de lidar com os mortos observadas no uso deste equipamento e suas apropriações para memorialização a partir das manifestações dos enlutados encontradas em campo.

Palavras-chave: cemitério São Pedro; cemitério vertical; São Paulo.



REALIDADE AUMENTADA COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO FÚNEBRE: AÇÕES PRELIMINARES.

Amanda Botelho
Universidade da Amazônia (UNAMA)
arcbotelho@gmail.com

Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes
Universidade da Amazônia (UNAMA)
marcianunes2011@gmail.com

As tecnologias sempre andaram em conjunto com o avanço das ciências. Com atuais instrumentos tecnológicos surgindo no mercado, novos aportes científicos podem usufruir de abordagens cada vez mais inovadoras para aproximar a população geral de temáticas até então exclusivas de determinados grupos. A técnica da Realidade Aumentada (RA) é uma experiência interativa que aprimora o mundo real com informações, interações e percepções geradas de maneira computadorizada, e quando utilizada para aprimorar as relações do visitante com espaço cimiterial, promove uma imersão mais ativa e acessível, podendo este visitar realisticamente as informações daquele cemitério em qualquer parte do mundo e ainda assim não perder o encanto da visita presencial. Este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição da realidade aumentada para a preservação de espaços cimiteriais e demonstrar as primeiras ações realizadas nos cemitérios da cidade Belém. Isso é feito por meio de resultados ainda preliminares da implementação da realidade aumentada no dia a dia dos visitantes do cemitério da Soledade, onde foi adaptado um dos roteiros já existente deste espaço com a tecnologia.

Palavras-chave: patrimônio fúnebre; realidade aumentada; cemitérios de Belém-PA.



A TRANSFERÊNCIA DO ANTIGO CEMITÉRIO DA LAGOA DE BARRA VELHA

Angelita Borba de Souza
Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)
angelitasouza@univille.br

O presente trabalho pretende compreender o antigo cemitério localizado às margens da lagoa de Barra Velha, litoral norte de Santa Catarina, como um patrimônio cultural a partir da análise do seu uso durante os séculos XIX e XX e seu ritual de enterramento. A impossibilidade de acessá-lo por terra fez dos rituais de enterramento uma atividade pitoresca que dependia fortemente do auxílio de pescadores que se encarregavam do transporte do defunto e dos demais presentes por meio de suas canoas. Substituído oficialmente no ano de 1929 por um novo espaço localizado no centro da vila de pescadores, o antigo cemitério deveria ser desativado e ter seus corpos transferidos. Entretanto, a substituição não pareceu atender aos anseios dos moradores que resistiram à mudança e mantiveram o ritual fúnebre pelas águas da lagoa. A transferência é percebida como conflituosa diante da resistência de parte da população em abandoná-lo em 1929 e atualmente o mesmo sofre com o abandono público e com o interesse imobiliário presente no local. Mediante os debates teóricos sobre os lugares de memória e os desafios colocados no campo do patrimônio cultural, o trabalho pretende seguir as reflexões de Pierre Nora e discutir o cemitério como um espaço que provoca o sentimento de pertencimento, a função de reunificar e de dar coesão aos grupos, além de buscar nos escritos de Pedro Paulo Funari e Sandra C. A. Pelegrini embasamento para refletir sobre a preservação de patrimônios culturais atrelados ao desenvolvimento urbano.

Palavras-chave: patrimônio; cemitério; transferência.



CEMITÉRIO NOSSA SENHORA DA SOLEDADE: DE PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO A PARQUE DA CIDADE DE BELÉM-PA.

Aymêe Larisa Lisboa Marçal
Universidade Federal do Pará (UFPA)
aymelisboa@gmail.com

Idanise Sant'ana de Azevedo Hamoy
Universidade Federal do Pará (UFPA)
idanise@ufpa.br

Inaugurado em 1850, o cemitério Nossa Senhora da Soledade despontou como o primeiro cemitério público da cidade de Belém do Pará. Com grande beleza arquitetônica e localizado no centro da cidade, o Soledade é local de devoções aos “santos populares” cultuados todas as segundas-feiras por seus inúmeros visitantes que manifestam suas devoções através do acendimento de velas, reza do terço, orações, objetos de obrigações e ex-votos. No ano de 2022 foi iniciado o processo de restauro dos túmulos e mausoléus, com a reabertura à visitação em janeiro de 2023 e a concessão do título de Parque Cemitério. Tal título o configurou como um espaço estruturado para visitação. Por conseguinte, o público diversificou-se e hoje é possível encontrarmos inúmeras pessoas que contemplam a beleza do Soledade e o (re)descobrem em sua importância para a história de Belém e em sua arquitetura tumular. Famílias, grupos de amigos, grupos escolares e estudantes de graduação são apenas alguns dos visitantes que atualmente integram o circuito de visitação do Cemitério Soledade, que agrega devoção, educação e deleite.

Palavras-chave: cemitério da Soledade; restauro; amazônia paraense.



NOVAS LEITURAS A PARTIR DO PATRIMÔNIO FUNERÁRIO DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Danilo Oliveira Nascimento Julião
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
prof.danilo.juliao@letras.ufrj.br

Valeria Lima Guimarães
Universidade Federal Fluminense (UFF)
valeriaguimaraes@id.uff.br

Conhecido pela sua importância histórica, científica e ambiental, o Jardim Botânico, localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, que também nomeia o bairro onde se localiza, é um dos principais espaços de lazer da população, além de um dos atrativos turísticos mais visitados da cidade. Fundado em 1808 por D. João VI para a aclimação das espécies exóticas trazidas do Oriente, o local abriga uma expressiva diversidade de espécies nativas e exóticas; suas dependências incluem um instituto de pesquisa, monumentos históricos e artísticos, sítio arqueológico, biblioteca e teatro. Registros anteriores ao Jardim Botânico demarcam ainda a existência de um engenho onde foi implantada uma fábrica de pólvora e algumas ruínas ainda integram o complexo na atualidade. Numa integração entre o patrimônio cultural e o natural, encontram-se as narrativas turísticas e os projetos de educação patrimonial relativos ao Jardim Botânico. Neste trabalho interdisciplinar, um cruzamento inédito entre os estudos acadêmicos de Turismo e de Latim, propomos uma contribuição para valorizar o Jardim como um patrimônio de excepcional importância cultural adicionando uma nova leitura sobre a estatuária ali presente, a partir de uma inscrição epigráfica funerária em latim em homenagem a Frei Leandro do Sacramento, o primeiro diretor botânico do Jardim (1824-1829), gravada como memorial num busto colocado pela comemoração de seu 60º aniversário de morte. A tradução dessa inscrição apresenta dados sobre a biografia do morto, bem como suas contribuições para a história do local e da cidade.

Palavras-chave: patrimônio; turismo; epigrafia funerária.



ARTE CEMITERIAL E PESQUISA EM FOCO: UMA ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE OS CEMITÉRIOS DA BAIXADA MARANHENSE (2014- 2020).

Dimas dos Reis Ribeiro
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
dimas.ribeiro@ufma.br

Julyana Cabral Araújo
Programa de pós-graduação em História (PPGHIS-UFMA)
julyanacabral007@gmail.com

Este trabalho visa demonstrar os resultados de um projeto de pesquisa intitulado: ARTE CEMITERIAL: história, iconografias e devoções na baixada maranhense. O projeto teve como motivação a análise iconográfica da arte tumular, da história dos cemitérios, e as devoções. Assim, os pesquisadores envolvidos tiveram a possibilidade de conhecer a baixada por outro viés, com o objetivo de criar nas pessoas outra mentalidade quanto ao senso de preservação e valorização dos cemitérios. Buscou-se com isso, conhecer os cemitérios da região, procurando informações sobre eles em prefeituras, cartórios, dioceses, igrejas, conversas com pessoas mais antigas das cidades, além da catalogação de documentos e iconografias que se revelaram importantes para a pesquisa. Os resultados obtidos foram materializados em relatórios, esses documentos são verdadeiros inventários de objetos de pesquisa, fontes e de diversas abordagens dentro desse campo de estudo. Assim, as avaliações feitas pelas agências de fomento à pesquisa e aos programas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Maranhão: PIBIC-UFMA, PIBIC-V e Foco Acadêmico tiveram como pretensão reafirmar a importância de pensar esses novos caminhos teóricos e metodológicos.

Palavras-chave: cemitérios; caixada maranhense; projeto de extensão.



O QUE NOS CONTAM OS MORTOS? ELEMENTOS DE MEMÓRIA DOS EPITÁFIOS DO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.

Fábio Marcelo de Albuquerque Melo Júnior
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
fabio.marcelo@ufpe.br

Morrer é uma experiência universal, que atravessa cada indivíduo de modo singular. Os efeitos provocados naqueles que continuam vivos são particulares para cada um, produzindo símbolos, comportamentos, objetos e novos lugares de memória, com o morto e com o mundo. Essas novas produções são apresentadas e representadas no cemitério através de ritualizações, uso de determinadas estruturas e objetos ou a disposição dos elementos funerários dentro do espaço cimiterial. Para a arqueologia, todos esses fatores são dotados de materialidades que permitem o estudo do cemitério como um lugar também dos vivos, desse modo, o espaço dos mortos nos conta de sua sociedade e seu tempo. Assim, a presente pesquisa investiga quais são as representações simbólicas discursivas presentes nos epitáfios do Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção, mais conhecido como Cemitério de Santo Amaro, em Recife - Pernambuco, no decorrer da segunda metade do século XIX. De modo a compreender quais aspectos da morte se faziam presente no epitáfio, além de como a memória da pessoa falecida era estabelecida perante o contexto funerário.

Palavras Chave: cemitério, epitáfio, arqueologia.



INVENÇÃO DE UMA TIPOLOGIA PARA O FUTURO: O PROCESSO PROJETUAL DO CREMATÓRIO *UITZICHT* (2011)

Fernanda Lorena Rabelo de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
fernandarabeloliveira@gmail.com

O artigo apresenta uma análise do crematório *Uitzicht*, localizado na cidade de *Courtrai*, na Bélgica, e projetado por Eduardo Souto de Moura e *SumProject*. Por se tratar de uma referência no cenário da arquitetura fúnebre contemporânea, o objetivo da discussão é analisar o seu processo de concepção, sua natureza e suas problemáticas, pontuando os aspectos técnicos, funcionais e simbólicos envolvidos. Identifica-se, primeiramente, o contexto no qual o equipamento está inserido, levantando as características físicas e ambientais, e posteriormente elencam-se as exigências e restrições a ele impostas, bem como as estratégias utilizadas no seu desenvolvimento. Ao final do estudo, constata-se que o resultado alcançado pelos arquitetos é coerente com as premissas pré-estabelecidas: garantir a “continuidade do lugar” por meio da implantação semienterrada do edifício; oferecer uma atmosfera tênue entre o sagrado e o doméstico, o público e o íntimo, por intermédio, sobretudo, da materialidade e dos efeitos de luz e sombra; e criar uma obra de qualidade arquitetônica incontestável, tornando-se um legado para a comunidade.

Palavras-chave: arquitetura fúnebre; crematórios; projeto de arquitetura.



AÇÕES EDUCATIVAS NO CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE

Gabriela Portela Moreira
Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC)
gabriela.portela@santacasa.org.br

Vera Lucia Maciel Barroso
Centro Histórico-Cultural Santa Casa (CHC)
vera.maciel@santacasa.org.br

O Cemitério da Santa Casa é o mais antigo em atuação na cidade de Porto Alegre. Em suas alamedas é possível apreender parte da história do Rio Grande do Sul e da sua capital. Os monumentos nele existentes evidenciam a produção artística no âmbito funerário, com exemplares remanescentes do século XIX. Desde a década de 1980, o cemitério recebe estudantes e interessados na temática da morte, vindo a tornar-se um espaço de investigação, uma atração cultural e ponto turístico da cidade. O objetivo desta comunicação é evidenciar as ações educativas realizadas pela equipe do CHC Santa Casa e a perspectiva teórica que norteia sua prática. Sua metodologia está embasada em Horta, Grunberg e Monteiro (1999), e Varine (2012), que fundamenta o desenvolvimento a partir da preservação dos patrimônios e sua apropriação pela comunidade. Serão apresentados os resultados de três décadas de trabalho em defesa dos bens funerários da Misericórdia de Porto Alegre, que permitem revelar o grau de consciência coletiva já alcançado com a educação patrimonial aplicada em seu cemitério.

Palavras-chave: cemitério; Santa Casa; Porto Alegre.



MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO NA TRANSFERÊNCIA DE JAZIGOS DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA PARA O CEMITÉRIO SÃO JUDAS TADEU DE GUARULHOS – SP

Glaucia Garcia de Carvalho
glauciagarcia.gc@gmail.com

Evanir Baptista Penna
evanirbp@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo discutir o processo de transferência de um dos primeiros cemitérios de Guarulhos, a partir das transformações urbanísticas da região central deste município da Região Metropolitana de São Paulo (hoje, o segundo maior do estado e o décimo terceiro do país, em população) pleiteado pelos seus setores econômicos e políticos, em função do seu rápido crescimento populacional e também pelas comemorações e festejos do IV Centenário de fundação da cidade, celebrado no ano de 1960. Será discutido o processo de transferência e identificação dos túmulos para outra necrópole, criada em 1952, o Cemitério São Judas Tadeu, a preservação e tombamento da parte que não foi transferida, com a sua relevância histórica e como patrimônio, não só pelas características dos jazigos que permaneceram, como também pelas pessoas que estão ali sepultadas, como prefeitos, vereadores e membros de famílias tradicionais, de relevância na construção cultural, política e econômica do município, além do impacto no local do novo campo santo, em uma região da cidade de pouca ocupação urbana (Picanço). Inicialmente, como a sede da Prefeitura Municipal, Câmara dos Vereadores e algumas repartições públicas encontravam-se nas proximidades da Praça Getúlio Vargas, região central da cidade e próximo ao Cemitério São João Batista, o maior e mais importante de Guarulhos, até então (fundado em 1890), a partir de 1958, o Poder Público do município decidiu encerrar as atividades dessa necrópole, inicialmente, a partir de um processo de desapropriação total da sua área para a ocupação urbana, com edifícios públicos, o que não ocorreu. Assim, o Cemitério São João Batista foi desapropriado parcialmente e foi tombado pelo patrimônio histórico municipal em 1995, resguardando uma parte da história da cidade de Guarulhos.

Palavras-chave: memória; preservação; cemitérios.

AS REPRESENTAÇÕES DOS CRUZEIROS NOS CEMITÉRIOS RURAIS NO SERTÃO DA BAHIA

Glauce Rocha Santos
Universidade Federal de Goiás (UFG)
glaycerocha@gmail.com

Esse trabalho tem como objetivo analisar a representação dos cruzeiros nos cemitérios rurais em algumas regiões do Nordeste brasileiro, e também nos povoados do sertão da Bahia, no século XXI. Pretende-se analisar aspectos históricos, religiosos e iconográficos dos cruzeiros, além de compreender quais são as práticas religiosas encontradas nesses locais. Foram utilizados nesse trabalho, imagens de sete cemitérios rurais, do município de Barro Alto na Bahia. O trabalho também traz uma análise da obra: *Cemitério da Casa Branca, 1855*, de Miguel Arcanjo Benício de Assunção, cujo Cruzeiro representa o martírio de Cristo. Como procedimentos metodológicos foram realizadas entrevistas com moradores e um levantamento fotográfico dos cruzeiros nesses cemitérios citados. Para essa compreensão, apresentamos os cemitérios rurais como um espaço de memória, rituais e devoção, construído e zelado pelos próprios moradores, que desempenham as funções de enterramento e manutenção do local.

Palavras-chave: cruzeiro; ritos; cemitérios rurais.

AS HOSTES CELESTIAIS NO CEMITÉRIO DO ALECRIM: UMA ICONOSOFIA DA ARTE TUMULAR À LUZ DO SCIVIAS DE HILDEGARD VON BINGEN

Jan Clefferson Costa de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
jancleffersonphil@gmail.com

O propósito geral deste trabalho consiste em realizar uma análise e descrição das Hierarquias Celestes na arte tumular do Cemitério do Alecrim a partir da obra *Scivias* de Hildegard von Bingen. O estudo tem por objetivos específicos apreciar a presença e representação das Inteligências Angélicas no respectivo espaço fúnebre, situado em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, bem como identificar as similaridades das visões místicas de Hildegard, uma brilhante pensadora da Idade Média, com a perspectiva estética e simbólica das esculturas tumulares. A pesquisa examina uma relação de correspondência entre a iconografia/iconologia angelical elencada no *Scivias* e as representações artísticas dos Seres Celestiais nos túmulos da cidade dos mortos. Por meio de uma metodologia interdisciplinar que une a Filosofia Medieval, a Angeologia Visionária e os Estudos Cimiteriais, a presente investigação idealiza como resultado evidenciar quais dentre as distintas Ordens Angelicais analisadas e descritas por Hildegard, a saber, Serafins, Querubins, Tronos, Domínios, Principados, Poderes, Virtudes, Arcanjos e Anjos, podem ser identificadas nos monumentos constituintes do patrimônio cultural funerário da necrópole do Alecrim.

Palavras-chave: arte cemiterial; estética filosófica; hierarquias celestes.



REDEMPTOR: UM CEMITÉRIO CONFSSIONAL NA ÁREA CENTRAL DE SÃO PAULO

José Guilherme Cantor Magnani
Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo (FFLCH USP)
jmagnani@usp.br

O Cemitério do Redemptor é um dos cinco cemitérios que constituem a *mancha* fronteira cemiterial, entre a zona oeste e área central da cidade: Consolação, Araçá, Redemptor, dos Protestantes, da Irmandade do Santíssimo Sacramento. O Redemptor é confessional, gerido pela Associação Cemitério dos Protestantes fundada em 1844 por luteranos de origem alemã, e posteriormente contou com anglicanos e presbiterianos e administra, além do já citado, mais quatro. Na capital paulista há 41 cemitérios, dos quais 22 e mais um crematório são públicos. Contudo, em 2023 teve início o processo de concessão a empresas particulares e ainda não se tem elementos para avaliação. O Redemptor celebrou cem anos em 2022 e como faz parte do projeto em andamento “Cemitério também é cidade”, aprovado pelo CNPq, o propósito é estabelecer durante a pesquisa, pontos de comparação não apenas com os de São Paulo, mas com os de Nampula e Tete (Moçambique), Johannesburgo (África do Sul) e Chicago (EUA). Nesta apresentação farei comparações entre a dinâmica do Redemptor e a de seus vizinhos: dimensões, estado de conservação, manutenção, estilo das sepulturas, usos por parte do público.

Palavras-chave: cemitério Redemptor; São Paulo; projeto CNPq.



A FORMAÇÃO DOS ESPAÇOS CEMITERIAIS DE OURO PRETO

Laura Araújo Drumond de Magalhães
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
laura.drumond@aluno.ufop.edu.br

Rafael Henrique Teixeira-da-Silva
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp)
rafael.henrique@unesp.br

A influência da Igreja Católica em Ouro Preto-MG se manifestou por intermédio das ordens terceiras e irmandades, responsáveis pela construção de igrejas e capelas, moldando a paisagem urbana da cidade. No contexto do Brasil colonial, as irmandades e ordens terceiras tinham como incumbência a inumação de seus membros falecidos, realizada dentro dos templos, constituindo-se uma prática comum da época. No entanto, no século XVIII, na Europa, essa prática foi questionada devido a preocupações sanitárias, e posteriormente, tais preocupações foram transferidas para o contexto brasileiro. Ouro Preto, marcada pela intensa religiosidade, enfrentou desafios por parte da câmara municipal ao tentar proibir sepultamentos *ad sanctus*. Em resposta a tais desafios, as irmandades optaram por construir cemitérios adjacentes às igrejas, mantendo assim a responsabilidade pelos sepultamentos de seus fiéis. A persistência dessa prática, evidenciada pela criação tardia do Cemitério da Saudade em 1981, ressalta a forte influência da religiosidade católica e das tradições cerimoniais em Ouro Preto, resultando em um número elevado de cemitérios no centro histórico da cidade. Notavelmente, esses cemitérios continuam sendo utilizados pela população, destacando a importância contínua das tradições religiosas e culturais locais. Esta pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa e exploratória para alcançar os objetivos propostos.

Palavras-chave: irmandades; espaços cemiteriais; religiosidade;

ROTEIROS GUIADOS PARA O CEMITÉRIO DA SOLEDADE: UMA FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO PATRIMÔNIAL.

Luane Cristina dos Santos Pinheiro
Universidade da Amazônia (UNAMA)
luanepinheiro8@gmail.com

Amanda Botelho
Universidade da Amazônia (UNAMA)
arcbotelho@gmail.com

O cemitério Nossa Senhora da Soledade, localizado na cidade de Belém/PA, foi o primeiro cemitério à céu aberto secular da Amazônia. Ele foi inaugurado em 1850 e teve os sepultamentos encerrados em 1880, totalizando apenas 30 anos de funcionamento, deixando, no entanto, uma rica história cultural e arquitetônica na cidade de Belém. O artigo visa trabalhar a relevância da educação patrimonial, por meio de roteiros guiados para o Cemitério da Nossa Senhora da Soledade (atual Parque Cemitério Soledade), destacando a importância dessa ferramenta no envolvimento ativo da comunidade local com o espaço. A implementação dos roteiros guiados, visou a condução dos visitantes a uma compreensão mais aprofundada e um sentimento mais vívido de pertencimento ao patrimônio da cidade. Como método de pesquisa empregado, foi utilizada uma abrangente revisão bibliográfica, examinando estudos que destacam a eficácia das visitas guiadas na transmissão de conhecimentos históricos e culturais que resultaram na elaboração de 10 roteiros guiados que abordam temas importantes para o entendimento da história do cemitério e da importância do mesmo para a história da cidade de Belém.

Palavras-chave: roteiros guiados; educação patrimonial; cemitério da Soledade – Belém(PA).

MEDIAÇÃO E HISTÓRIA DA ARTE NO ESPAÇO CEMITERIAL: O ELEMENTO PARIETAL NA ARTE TUMULAR DE ESCULTORES ÍTALO-BRASILEIROS NO CEMITÉRIO SÃO PAULO.

Luciano Marques Sacheto
Universidade de São Paulo (USP)
lucianosacheto@usp.br

Este trabalho visa investigar como a visita mediada pode contribuir para a valorização e preservação de obras no Cemitério São Paulo e ainda tornar-se um mecanismo de mediação cultural entre a pesquisa acadêmica e a população. Na mediação intitulada “O Elemento Parietal na Arte Tumular de Escultores Ítalo-brasileiros no Cemitério São Paulo”, o pesquisador mediador apresenta ao público um panorama entre a história da arte e a produção escultórica para o contexto cimiterial, trazendo questões sobre o cenário da escultura europeia do final do séc. XIX e começo do séc. XX. O termo “elemento parietal” refere-se a parede que geralmente se ergue atrás da escultura, pode ser parte da figuração da obra, tanto quanto pode estar separada da composição da figura. Dentro deste contexto, busca-se analisar esta problemática determinada, percebida nos monumentos fúnebres do Cemitério São Paulo. A visita mediada ressalta a importância da preservação destes espaços, aproxima a sociedade da arte tumular buscando desmistificar o locus cimiterial, configurando-o como um museu a céu aberto, um lugar repleto de memórias, obras de arte, simbolismos e marcos históricos.

Palavras-chave: mediação; cemitério São Paulo; escultura.



UM PASSEIO PELO CEMITÉRIO: AS CAMINHADAS CULTURAIS NAS NECRÓPOLES DA SANTA CASA E SÃO JOSÉ EM PORTO ALEGRE/RS

Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho
Pesquisadora Marmorabilia
marmorabilia@gmail.com

Cemitérios podem funcionar como laboratórios de estudos e como espaços culturais com atividades educativas, tais como as caminhadas culturais. Porto Alegre possui um expressivo conjunto cimiterial e dentre suas necrópoles, a da Santa Casa de Misericórdia e os Cemitérios São José têm ofertado, ao longo dos anos caminhadas culturais noturnas. Os passeios culturais são aulas abertas que enaltecem os espaços funerários como bens culturais patrimoniais. Esses eventos colaboram para manter os espaços em uso, não somente em sua finalidade essencial, os sepultamentos, mas também para ampliar e compartilhar o conhecimento que mantém vivas as suas memórias. As caminhadas atraem centenas de participantes que desejam conhecer a arte funerária e suas simbologias, o trabalho das marmorarias e a história social da região.

Palavras-chave: cemitérios de Porto Alegre(RS); caminhadas culturais; educação patrimonial.



ESCULTURA FUNERÁRIA: AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER DIANTE DE SUAS INÚMERAS FUNÇÕES NA SOCIEDADE BRASILEIRA. (1890- 1940).

Maria Elizia Borges
Universidade Federal de Goiás (PPGH/ UFG)
maelizia@terra.com.br

A mulher está representada em vários monumentos funerários através da escultura em cemitérios secularizados do Brasil, no período de 1890 a 1940. Propomos aqui relacionar sua postura corporal e seu vestuário com as funções que elas exercem na casa e no espaço do trabalho na época. Coube aos escultores retratarem as mulheres em suas inúmeras funções. Algumas já foram pesquisadas exaustivamente na posição de Virgem Maria; de santas; de anjos; de pranteadoras; de Mãe República-vinculadas a religião e a moral. Outras simbolizam a Justiça; a Virtude; a Deusa Grega e a Morte- são belas, serenas e de padrão clássico universal. Mas queremos destacar aquelas pouco visíveis nos cemitérios brasileiros nos papéis de mãe protetora dos filhos; de professora; de freira; de benfeitora; de artista; de agricultora; de idosa- são pessoas provenientes de uma estrutura social concebida após a primeira guerra mundial onde a mulher começou a adquirir uma emancipação pessoal e social. Deparamos então com duas visões da mulher, aquela que é venerada e a que é vivência a realidade da vida cotidiana.

Palavras-chave: escultura funerária; cemitérios brasileiros; representação da mulher.



UM ESTUDO NO CAMPO DA EPIGRAFIA COLONIAL PAULISTA: A LÁPIDE DE BRÁS CUBAS (1592) E OUTRAS COLETÂNEAS – COMUNICAÇÃO DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO

Pedro Queiroz Leite
pedroqueirozleite@yahoo.com.br

A presente comunicação tem o objetivo de informar o início de uma ampla pesquisa epigráfica colonial de âmbito paulista e, posteriormente, brasileiro, no mesmo recorte temporal. Os casos de estudo aqui apresentados são a lápide funerária de Brás Cubas (1507-1592), fundador do porto, capela e da Santa Casa de Misericórdia de Todos os Santos (1543), embrião da vila (1545), depois cidade (1839) de Santos, SP, bem como outras inscrições lapidárias do mesmo período. Além destes importantes registros epigráficos cimiteriais, serão comunicados seus destinos, bem como a relação da inscrição lapidar de Brás Cubas com um dos primeiros historiadores da América portuguesa, o beneditino Frei Gaspar da Madre de Deus (1715 -1800), certamente o pioneiro dos estudos epigráficos paulistas, senão brasileiros.

Palavras-chave: epigrafia colonial; lápides santistas dos séculos XVI e XVII; sepultura de Brás Cubas e coetâneas.



CEMITÉRIO TAMBÉM É CIDADE: QUANDO A DINÂMICA DO IR E VIR DETERMINA OS ESPAÇOS FUNERÁRIOS

Priscila Silva Queiroz Cevada
Universidade de São Paulo - USP - FFLCH - NAU Cimiteriais
priscilacevada@usp.br
priscilacevada@gmail.com

A cidade se constitui como um organismo vivo que se auto regula e se auto transforma a partir das ações das pessoas que moram nela. O ir e vir da população a constitui como um ser autônomo. Assim, na cidade, onde o luto e a manutenção da vida convergem, analisamos a criação de dois cemitérios públicos e periféricos em São Paulo. Cemitério São Luís, inaugurado na década de 1980, situado na zona sul, e Cemitério da Saudade, na década de 1960, zona leste. Ambos são criados a partir da relação que o governo estabelece no ir e vir das pessoas para sepultar seus entes queridos no Cemitério da Vila Formosa, situado na zona mais central da cidade, de modo que a composição do espaço urbano e sua relação periferia-centro estabelecem a mobilidade de vida e morte. A metodologia adotada para este trabalho foi a Etnografia. Este trabalho é parte da pesquisa em andamento no Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (LabNAU), cujo objetivo é mapear e registrar a relação entre vida e morte em diferentes Cemitérios das cidades de São Paulo, Chicago (EUA) e Nampula (MZ), estabelecendo relações entre o rito de morte e a manutenção da vida.

Palavras-chave: antropologia urbana, periferia, cidade.



CINECLUBE DELA MUERTE: ATUAÇÃO E PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL NA METRÓPOLE

Samuel Campos Vaz
Terra Nova Arqueologia
samuvaz@hotmail.com

Este trabalho faz parte de uma pesquisa sobre morte, cemitério e visualidade que explora as experiências e debates relacionados aos filmes apresentados no "Cineclube De la Muerte". Atuando desde 2017 na cidade de Goiânia, Cineclube atua realizando sessões de filmes com debates. Com a participação de professores convidados, nos debates são disponibilizadas referências bibliográficas, comentários técnicos e conteúdo que alimentam as críticas e reflexões sobre os filmes. Os conceitos apresentados a respeito da morte têm por base teóricos como: Áries (1981), Volvelle (1995), Darnton (1997) que elucidam as temáticas tais como a história das sensibilidades, fotografia, cinema, imagem entre outros. O "Cineclube De la muerte" tem como proposta instigar a cultura social, apresentar as possibilidades dos conceitos de morte, morrer e suas perspectivas. Os filmes atraem, agonizam, estimulam, confundem, hiperbolizam o "Ethos" (Geertz, 1998) de cada expectador. É sobre o que a exibição fílmica e os debates provocam, que temos alguns resultados a serem apresentados, conjecturas trazidas sobre morte, cemitérios, patrimônio material e imaterial, concepções sobre o viver e o morrer na história, sem perder o sentido da modernidade.

Palavras-chave: morte; cemitério; cinema.



OS CAMPOS SANTOS DA SÃO PAULO COLONIAL

Sônia Cunha
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
(MAE/USP)
soniacunha@usp.br

A história da ocupação humana em São Paulo remonta ao Holoceno Médio, refletindo mudanças demográficas, econômicas e culturais através das transformações urbanísticas. No final do século XIX e início do século XX, houve a readequação e demolição de espaços religiosos católicos, levando ao esquecimento das memórias dos sepultados. A pesquisa arqueológica de 2018, realocando o cemitério dos Aflitos, destacou o potencial arqueológico da cidade, sobretudo em contextos mortuários. Este trabalho visa apresentar propostas de projeção dos campos santos como áreas de interesse arqueológico, proporcionando insights sobre a composição étnica e social da época colonial. A preservação desses locais é crucial para compreender e conservar a história e identidade da cidade, testemunhando as transformações urbanas ao longo dos séculos. Além disso, contribuem para uma arqueologia pública sensível à ética e identidade, especialmente em um país multiétnico como o Brasil.

Palavras-chave: São Paulo; campos santos; arqueologia.



A MATÉRIA-PRIMA E A SIMBOLOGIA TUMULAR: UM DIÁLOGO EM TRANSFORMAÇÃO

Vanessa Beatriz Bortulucce
Museu de Arte Sacra de São Paulo
bortu@hotmail.com

A proposta do presente trabalho é realizar algumas reflexões acerca da poética visual do cemitério no ocidente, tomando como ponto central a materialidade identificada na produção de jazigos, túmulos e mausoléus. A partir da segunda metade do século XX, é perceptível uma transformação na escolha e no uso de matérias-primas na constituição dos túmulos, o que se explica por motivos econômicos, sociais e culturais. A tradição do uso do mármore, granito e bronze, majoritariamente pelas classes mais privilegiadas, foi um aspecto central na construção das simbologias e da arte tumular entre a segunda metade do século XIX e as cinco primeiras décadas do século XX. Com a ampliação e transformação da matéria-prima, há, também, uma transformação na visualidade, na simbologia, na vivência dos espaços cimiteriais e na elaboração da memória nos tempos contemporâneos. Nosso trabalho possui como objetivo, portanto, investigar a dinâmica entre os aspectos materiais e imateriais da arte tumular, e suas transformações nestes últimos anos.

Palavras-chave: história da cultura; arte tumular; memória.



AS VOZES NOS CEMITÉRIOS DE SÃO PAULO: A PROPOSTA NOS CEMITÉRIOS DA CONSOLAÇÃO E NA NECRÓPOLE SÃO PAULO

Viviane Comunale
Colégio Amorim
viviane.comunale@unesp.br

O projeto "Vozes" é uma iniciativa cultural que busca preservar a memória e a história dos cemitérios da cidade de São Paulo, através da promoção de visita mediadas, a proposta oferece aos participantes a oportunidade de conhecer não apenas os túmulos e mausoléus, mas também as histórias por trás de cada sepultura, compartilhando os nossos conhecimentos sobre os personagens enterrados ali, suas contribuições para a sociedade, suas trajetórias de vida e os eventos históricos relacionados a eles.

Após o sucesso de sua implementação no Cemitério da Saudade em Campinas pelo grupo criativo O que te assombra? foi a vez de São Paulo implementá-lo a partir do no 2º semestre de 2023.

O objetivo desta comunicação é fazer um balanço sobre o Projeto Vozes e os seis primeiros meses de sua implementação dentro Cemitério da Consolação e da Necrópole São Paulo, espaços importantes que abrigam um patrimônio cultural material funerário significativo de nossa cidade. E os próximos passos para a implementação em outros cemitérios de São Paulo.

Palavras-chave: cemitérios; educação patrimonial; visitas mediadas

Arte Erótica Tumular: Explorando a Iconografia do priapismo no túmulo de Victor Noir

Zana Garcete

zanagarce@alumni.usp.br

A arte erótica tumular, um fenômeno cultural que floresceu em diferentes períodos da história, representa uma fascinante interseção entre a expressão artística e a representação da sexualidade. Entre os muitos ícones desse gênero, duas figuras se destacam: Priapo, uma divindade da fertilidade associada à sexualidade, e Victor Noir, um jovem jornalista francês imortalizado em um intrigante túmulo. Este artigo se propõe a explorar a presença e o significado dessas figuras na arte erótica tumular, considerando tanto seu contexto histórico quanto suas implicações culturais. O priapismo de Victor Noir é um elemento crucial para entender a complexidade e o simbolismo do seu túmulo e da sua representação na arte cemiterial. Embora haja controvérsias sobre se Victor Noir realmente sofreu de priapismo, a representação de um falo ereto em seu túmulo é inegavelmente provocativa e carregada de significados simbólicos e complexidade à sua representação. Além de ser um símbolo de virilidade e vitalidade, o falo ereto também pode ser interpretado como uma expressão da eternidade e da ressurreição. Em muitas culturas, o falo é associado não apenas à sexualidade, mas também à regeneração e à renovação, representando a capacidade de transcendência da morte e o ciclo contínuo da vida.

Palavras-chave: arte sensual; cemitérios; expressão estética.

Eixo 3

Perspectivas sobre o morrer e o setor funerário

Este eixo propõe reunir pesquisas sobre as variadas dimensões e representações sociais, culturais e simbólicas relacionadas aos espaços cemiteriais, à morte, aos rituais de luto que abrangem o papel de diferentes grupos sociais, além da trajetória histórica e cultural do culto aos mortos e seus desdobramentos emocionais e sensíveis. Destaca-se neste eixo, em especial, a atuação de comunidades tradicionais e religiosas, trabalhadores da saúde, do espaço cemiterial e do mercado funerário, bem como da ABEC, como entidade, na construção de olhares, saberes e práticas relacionadas ao campo da morte, dos mortos e do morrer.

Palavras-chave: etnografia; antropologia da morte; arqueologia; luto; Rituais.

OS CEMITÉRIOS DOS “DESVALIDOS” E AS VALAS COMUNS DAS VÍTIMAS DA COVID-19

Ana Luíza Berredo

analuizaberredo@hotmail.com

Madu Gaspar

PPGArq/Museu Nacional (UFRJ)

madugasparmd@gmail.com

Nos séculos XVII a XIX, havia um segmento social compostos pelos miseráveis e desamparados, incluindo pessoas pobres, alforriados e, em alguns casos, escravizados, aqui denominados de “desvalidos”. Representavam as pessoas que não tinham posses para serem enterrados dentro das igrejas, e cujos cadáveres eram sepultados em valas comuns nos largos e praças do centro da cidade do Rio de Janeiro. A partir dos estudos arqueológicos de cemitérios históricos dos desprivilegiados, foi possível identificar semelhanças entre os antigos espaços cimiteriais e as valas comuns contemporâneas. O cemitério de Tarumã, em Manaus, onde foram sepultadas inúmeras vítimas da COVID-19, compartilha algumas características com os cemitérios dos desvalidos: periférico e ausência de cuidados com os cadáveres, mesmo com a tentativa de construir sepulturas individualizadas, mas que não tem correspondência com o que está abaixo, no sub-solo. Serão abordadas questões do apagamento, ritual funerário sucinto e certa marginalidade das pessoas sepultadas nas valas comuns de ontem e de hoje e propõe a reflexão de que estes cemitérios no passado não apareciam nos mapas e atualmente, seguem sendo mal representados.

Palavras-chave: cemitérios; desvalidos; covid-19; arqueologia histórica.

MULHERES QUE TRABALHAM COM A MORTE: A PERSPECTIVA FEMININA DIANTE DE OFÍCIOS DO SISTEMA FUNERÁRIO

Ana Paula Costa Silva

psi.anapaulacosta@gmail.com

O trabalho apresenta um estudo sobre mulheres que trabalham no sistema funerário, como é o caso de sepultadoras, cremadoras e agentes de empresas funerárias do Brasil. Por estarem expostas ao fenômeno da morte na concretude em que ocorre, e no cotidiano de suas profissões, lidam rotineiramente com a finitude da vida humana. Para tanto, ouvimos em entrevistas, o percurso e como é “ser mulher” em ofícios nos quais predomina a figura masculina. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas com base em roteiro semiestruturado com quatro mulheres profissionais do serviço funerário, inclusive com coleta de seus dados sociodemográficos, que propiciaram as seguintes conclusões: 1) há desigualdade de gênero no sistema funerário, em desfavor das mulheres, 2) a maior preocupação apontada pelas trabalhadoras entrevistadas era com a dificuldade de oferecer amparo para familiares e amigos da pessoa morta, e 3) a pandemia da Covid-19 foi um fator chave nos trabalhos que envolvem o sistema funerário.

Palavras-chave: gênero; morte; serviço funerário.

ENTRE O LUTO E O LUCRO: A INFLUÊNCIA DO SETOR FUNERÁRIO NA (IN)VISIBILIDADE DA MORTE EM BELO HORIZONTE

Daniela Veloso de Abreu e Matos
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
danielavelosodeabreu@gmail.com

Thiago Brasileiro Vilar Hermont
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
thiagohermont@gmail.com

Este artigo tem como objetivo realizar uma breve análise do setor funerário em Belo Horizonte como reprodutor de disparidades étnico-raciais e econômicas, além de abordar a dessubjetivação de certas identidades que não são reconhecidas como agentes históricos na capital mineira. Expandindo a análise de Franco (2023), que utiliza a vala de Perus como paradigma, classificamos como corpos dessubjetivados aqueles inumados em sepulturas sem elementos personalizantes, ou seja, sem manifestações que ancoram a memória e personalidade dos mortos no cotidiano dos vivos. Isso inclui túmulos sem marcadores visíveis de identidade, como nome, datas, símbolos religiosos ou sinais de visitação, mesmo que estes corpos sejam reivindicados por familiares. Fatores como os elevados custos dos serviços funerários, tanto privados quanto públicos, juntamente com a negligência ou despreparo da administração municipal na orientação dos munícipes sobre procedimentos post-mortem, contribuem para a existência de obstáculos à simbolização nos espaços cimiteriais. Esses obstáculos vão além dos constrangimentos sociais associados ao amplamente discutido tabu da morte, sendo também de natureza administrativa e que fazem parte de dispositivos invisibilizadores de determinados grupos sociais.

Palavras-chave: morte; cemitério; setor funerário

MORTOS QUE ATUAM EM VIDA: RITUALIDADES E AGÊNCIA DE SANTOS POPULARES EM CEMITÉRIOS TRADICIONAIS E ROTATIVOS EM BELÉM-PA

Elisa Gonçalves Rodrigues
Universidade Federal do Pará (UFPA)
elisagoncalves00@gmail.com

Esta proposta decorre de desdobramentos de minha tese em andamento a respeito do imaginário dos mortos e suas agências dentro e fora das cidades cimiteriais na metrópole amazônica. Por apresentarem dinâmicas diferentes, as ritualidades em cemitérios tradicionais e rotativos tencionam as relações entre os devotos e os santos dos espaços cimiteriais, demarcando as experiências em torno da morte no cotidiano do trabalho, do luto, da vida vivida, do lugar social desses personagens e dos ritos associados a eles. Numa dinâmica teórico-metodológica etnográfica urbana no fronte da Antropologia da Morte, perceber a demarcação e a atuação dos mortos em vidas, especialmente na condição de santo, informa socioculturalmente o quanto a paisagem cimiterial, os mortos, a morte e o morrer interferem na subjetividade de Belém e dos *habitués* do cemitério, bem como dos devotos e transeuntes, que em contextos urbanos, hospitalares, cimiteriais, ritualísticos, religiosos, emocionais/afetivos, de saúde e outros, (re)direcionam sentidos, sensorialidades e afetos não só a estes personagens, mas ao lugar que o sensível ocupa nas relações construídas dentro e fora das necrópoles.

Palavras-chave: ritualidades; santos populares; antropologia da morte.

UM BICHO ENTRE OS DETRITOS: DINÂMICAS ETNOGRÁFICAS DO TRÂNSITO DO LIXO ENTRE A CIDADE DOS VIVOS E DOS MORTOS NO CEMITÉRIO SANTA IZABEL EM BELÉM (PA)

Fernando Matheus Souza de Oliveira
Universidade Federal do Pará (UFPA)
fernando.m.s.o.2001@gmail.com

Elisa Gonçalves Rodrigues
Universidade Federal do Pará (UFPA)
elisagoncalves00@gmail.com

As cidades cemiteriais podem ser entendidas enquanto um lugar de memória aos mortos e um reflexo do espaço urbano dos vivos à sua volta, seja ele central ou periférico, assim, as problemáticas sociais que envolvem as necrópoles são reflexos de problemas não resolvidos nas urbes. Por isso, esse estudo etnográfico no/do Cemitério Santa Izabel em Belém (PA) pretende entender a dinâmica entre as urbes dos vivos e dos mortos tendo como ponto principal o lixo, especialmente pela forma inadequada de seu descarte. Para compreender essas relações, foram feitas abordagens qualitativas, no seio da Antropologia Urbana, utilizando o recurso da observação participante e da etnografia de rua. Diante disso, pelo espaço cemiterial ser constituído por humanos e não-humanos, seus processos em relação ao lixo permeiam a culpabilização da própria comunidade em detrimento da posicionalidade desses resíduos. A comunidade enquanto lugar que reforma e faz parte da paisagem cemiterial é a mesma que entra em conflito com si própria e com o poder público, evidenciando o descarte inadequado de lixo como cerne do descaso com os vivos e com a memória dos mortos.

Palavras-chave: Belém do Pará; cemitério Santa Izabel; antropologia da morte.

GEOGRAFIAS DO RITUAL NA MORTE JUVENIL: A DIVERSIDADE DE VELÓRIOS COMO LUGARES SANTOS NA CIDADE DE FORTALEZA - CE.

Guilherme Esteves Gomes de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
elxikz@gmail.com

Partimos do entendimento de que além de um momento para despedidas pessoais e coletivas, o velório pode atuar como um meio de transmitir mensagens e representações do luto a um público mais amplo, alcançando desconhecidos e amplificando a experiência do luto em outras instâncias. A intensidade e a abrangência dessa extensão comunicativa podem moldar a Geografia ritual da morte, influenciando as percepções culturais e sociais da morte e do luto. Ensejamos abordar uma pesquisa de cunho fenomenológico com base na tradição humanista e cultural da Geografia do estudo das religiões. Nosso objetivo é o de esclarecer como a morte vai deixando de se tornar um fenômeno individualizado, encerrado em um acontecimento e temporalidade única, e passa a tornar-se complexo em um sentido de multiplicidade rizomática ao se sequenciar através de manifestações cívicas e políticas; ou seja, através do luto, a morte vai adquirindo novas tipologias que sequenciam seus rituais de velório; estes que também passam a ser entendidos como formas de associar consumo, acolhimento e virtualidades.

Palavras-chave: luto; velório; ritual.



“VAMOS FALAR SOBRE O LUTO?” UM ESPAÇO DIGITAL MEDIADOR DO PROCESSO DE LUTO

Heloisa Cristina Figueiredo Frizzo
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
heloisa.frizzo@uftm.edu.br

Laene Ferreira da Costa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
laene.ferreiracosta@hotmail.com

Este estudo tem por objetivo compreender a mídia digital intitulada “Vamos falar sobre o luto?” enquanto espaço para a expressão e promoção de interações sociais mediante situações de perdas e luto. Trata-se de um estudo observacional, qualitativo, descritivo, transversal, por meio da Etnografia Virtual. Inicialmente, foi realizada entrevista semiestruturada online com a tutora da mídia, e em seguida, ocorreu a análise temática de conteúdo do material postado na página. Os dados foram analisados a partir das seguintes unidades temáticas: A perda, a motivação e a criação da mídia digital; A cultura da mídia enquanto canal de inspiração e informação para pessoas em situação de luto; Canal de informação para quem deseja ajudar pessoas enlutadas; e Canal de inspiração para a troca de experiência entre pessoas enlutadas. A mídia “Vamos falar sobre o luto?” é uma plataforma/tecnologia de informação, que pode ser utilizada como inspiração, conforto e apoio para quem perdeu um ente querido ou para quem deseja ajudar uma pessoa que esteja passando por esta experiência, sendo um espaço de acolhida e validação do processo de luto, muitas vezes, invisibilizado e invalidado na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: luto; mídias digitais; etnografia Virtual.



“SEMPRE ALERTA” NA SAUDADE, HOMENAGENS DE LUTO ENTRE OS ESCOTEIROS

Juliana Mohr dos Santos
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
jumohr_poa@yahoo.com.br

Larissa dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
tchrlarissa@gmail.com

O presente estudo analisa homenagens realizadas para membros da União dos Escoteiros do Brasil. O Movimento Escoteiro surge na Inglaterra ainda no início do século XX e se estende por diferentes países ao longo dos anos, no Brasil, em 1924, foi criada a União dos Escoteiros do Brasil. Atualmente, ela é tida como a maior organização de educação não-formal do Brasil recebendo jovens a partir de seis anos de idade que se comprometem a desenvolverem mudanças positivas em prol da sociedade. Entretanto, nos movimentos da vida, por mais que sejam ensinados a viverem em sociedade e sobreviverem em adversidades naturais, alguns tem suas vidas interrompidas. A forma que diferentes grupos Escoteiros do Brasil e do mundo homenageiam aqueles colegas que partem é o foco deste estudo. A pesquisa esta dividida em três partes, num primeiro momento são apresentadas ações sociais realizadas pela entidade auxiliando processos de lutos coletivos, num segundo momento são apresentados os ritos de homenagens cerimoniais realizadas pelo movimento e, por último, serão apresentados e analisados monumentos e jazigos criados no Brasil e no mundo para determinados membros associados.

Palavras-chave: homenagem; escotismo; luto.



FINADOS CULTURAL, UMA METODOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Julio Cesar de Aguiar Santana
Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC)
jcas40@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo mostrar uma prática que acontece há 20 anos na cidade de Resende/RJ no Cemitério de Nosso Senhor dos Passos. Durante a celebração do dia de finados, acontece uma pequena exposição de fotografias e documentos que mostram túmulos de personagens marcantes da história da cidade que aqui se encontram enterrados. A intenção do criador dessa mostra, o já falecido Sr Claudionor Rosa personagem marcante na história da cidade, e tornar o culto ao dia de finados, além da tradição já milenar de cultuar os entes queridos, mas também uma atração cultural e educacional com objetivo de contar um pouco a história do Município de Resende. Após o falecimento do Sr Claudionor Rosa, O evento “Finados Cultural”, passa a ter uma nova perspectiva, cujo o novo Coordenador do Arquivo Público, o Prof Mestre Ângelo Marcio de Paula, que coloca para os visitantes as várias formas de enterramento das populações que habitaram a cidade desde sua criação, pretos, povos tradicionais e brancos.

Palavras-chave: finados; túmulos; cultura.



COMO É A VIDA DE QUEM TRABALHA COM A MORTE? UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NO CEMITÉRIO LUTERANO JARDIM DA PAZ

Karla de Souza Magalhães
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ)
krlapsi@gmail.com

Com o intuito de apreender como é a vida dos trabalhadores que atuam no setor funerário, realizei uma pesquisa etnográfica no Cemitério Luterano Jardim da Paz, localizado no município de Nova Friburgo – RJ. Vale salientar que a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Nova Friburgo é a mais antiga do Brasil e da América Latina e sua necrópole foi fundada em 03 de maio de 1824, quando chegaram os primeiros imigrantes alemães na região. Trata-se de um cemitério arborizado com 4 mil m², 260 jazigos, 01 capela, estacionamento, mausoléus, columbário, ossuário e crematório. Na pesquisa busquei apreender o cotidiano dos profissionais que atuam neste cenário – sepultadores, operadores de crematório, representantes religiosos e gestores. Para tanto, no ano de 2023, realizei observação participante e entrevistas com os interlocutores, quando estive presente no acompanhamento de ritos de passagem durante sepultamentos e cremações. O estudo está em fase de finalização pelo curso de doutorado em Saúde Coletiva. Pretendo apresentar algumas reflexões que surgiram neste campo de investigação, tais como: invisibilidade social, estigma e o *habitus* dos trabalhadores da morte.

Palavras-chave: etnografia, trabalhadores, setor funerário.



ENTIDADES, DIVINDADES, FANTASMAS E ALMAS: A PRÁTICA ARQUEOLÓGICA DAS COPRESENÇAS EM CONTEXTOS CEMITERIAIS

Luísa de Assis Roedel
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
luisaroedel@gmail.com

Esta pesquisa tem como objetivo discutir o papel das copresenças que se encontram nos cemitérios. As copresenças, aqui entendidas como fantasmas, divindades, entidades, almas, dentre outras, são reconhecidas como agentes em rede, com intencionalidade e capacidade de afetar e serem afetadas. Discute-se como a prática arqueológica, quase toda voltada para o mundo material, não leva em conta o imaterial em seus registros e pesquisas. As copresenças nos influenciam de várias maneiras, desde a forma como agimos e existimos na cidade dos mortos. Por fim, discute-se como as copresenças se articulam com a prática arqueológica e de que maneira ela se articula politicamente com a construção do presente e do futuro.

Palavras-chave: arqueologia cimiterial, invisibilidades, copresenças.



O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS CEMITERIAIS

Maria Cristina Pastore
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
crisrgs2000@yahoo.com.br

O presente ensaio tem por objetivo iniciar um debate sobre desenvolvimento sustentável a partir das inovações tecnológicas para cemitérios. Encontra-se inserido no campo da Educação Ambiental e pretende discutir questões teóricas sobre desenvolvimento sustentável e seus desdobramentos através da compreensão conceitual de Morin e Leff. Busca apresentar algumas tecnologias em uso no Brasil e em outros países destinadas à indústria funerária e aos cemitérios, concomitante, refletir sobre o impacto ambiental das práticas funerárias no sentido de compreender as transformações das mesmas nos últimos séculos. Analisar ao longo do tempo as experiências da forma de lidar com a morte e o cuidado com o corpo pós-morte pode proporcionar uma consciência socioambiental, por conseguinte, ao questionar a sustentabilidade nos sepultamentos, relacionar natureza e sociedade. A apresentação que segue é um recorte da pesquisa em andamento de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, dividida entre teoria e prática, a pesquisa busca um enfoque humanista, sensibilizador e tenta compreender o fenômeno do morrer e suas nuances de forma integral. Apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica, documental e descritiva. Propõe a saída de campo com a metodologia da aula-visita para a ação educativa na comunidade. As definições de cemitério e os processos de sepultamento conduzem a questão central da investigação, pois pontua as inovações tecnológicas para o cemitério como componente essencial de enfrentamento da contaminação do solo, da água e do ar.

Palavras-chave: cemitério; educação ambiental; procedimentos funerários.



NOTAS SOBRE MORTE E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE HISTÓRICA DOS DIAS DE FINADOS NO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO-SP-BRASIL

Mariana Ferreira Vieira
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades- HDL-Diversitas-USP.
mf.vieira@usp.br

José Bento Ferreira
Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo- PGEHA-USP
jbmferreira@alumni.usp.br

A experiência pandêmica revelou uma situação bastante singular. De fato, a morte não apenas inquieta o sistema globalizado de várias formas, ela o paralisa. Discursos políticos, econômicos, meramente técnicos sucumbiram num primeiro momento ao sentimento de que a expressão humana deva considerar e trabalhar pela manutenção da vida, expressão que não deixa de se manifestar na dimensão do que chamamos de espiritualidade ou religiosidade. A proposta desta comunicação é debater questões relacionadas à morte e a sua intersecção na política e compartilhar a experiência etnográfica no Cemitério da Consolação-SP que teve início em 2019 e atravessou a conjuntura pandêmica até o último campo realizado em 2022, formando uma série histórica que será analisada temporalmente. A reflexão sobre o olhar etnográfico e as possibilidades de narrativas estabelecidas a partir da estrutura física e social que compõem o cemitério constituem pontos específicos de discussão sobre a relação entre política e morte, que segue latente no país.

Palavras-chave: análise temporal; finados; cemitério da Consolação.



MORTE E RELIGIÃO EM MALTA: A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE 'PESSOA' A PARTIR DOS CEMITÉRIOS E RITOS FUNERÁRIOS DE UMA ILHA DO MEDITERRÂNEO

Marianna Knothe Sanfelicio
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP)
marianna.sanfelicio@usp.br

Este trabalho tem como objetivo discutir a noção de 'pessoa' a partir de rituais funerários, predominantemente católicos, colocados em prática nos cemitérios e igrejas da ilha de Gozo. Situada no arquipélago de Malta, no mar Mediterrâneo, Gozo vem passando por grandes mudanças nas últimas décadas, aceleradas pela entrada do país na União Europeia em 2008. Até 1955, grande parte dos enterros ainda ocorriam dentro das igrejas locais, e só então passaram a mudar para cemitérios – para efeito de comparação, tais mudanças aconteceram no restante da Europa ainda na metade do século XVIII. Outro fator predominante é a religião, sendo que mais de 95% da população local se considera católica. Juntas, estas características constroem um cenário em que os cemitérios se colocam como local de destaque para compreender de que maneira os residentes da ilha se relacionam com seus pares e com estrangeiros. Tendo o cemitério como ponto de partida, pretendo discutir como é construída uma noção particular de quem pode ser considerado 'pessoa' em Gozo: de maneira sintética, o trabalho etnográfico mostrou que 'pessoa' é quem participa da religião local e, por isso, pode ser enterrado nos cemitérios da ilha.

Palavras-chave: etnografia; antropologia da morte; rituais.



CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO: RELIGIOSIDADE POPULAR E USO CEMITERIAL NO RECORTE ESPAÇO-TEMPO

Orlando Caldeira de Farias Junior
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)
orlandocfjunior@yahoo.com.br

Ellen Cristina dos Santos Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)
ellencristinasoliveira@gmail.com

O trabalho almeja estudar a devoção popular construída em Conceição do Mato Dentro, município de Minas Gerais localizado aproximadamente 112 quilômetros de Belo Horizonte, capital estadual. Em especial, o recorte do objeto está nos distritos de Córregos e o povoado de Cemitério do Peixe, também conhecido como Vila-Cemitério, onde a leitura feita da devoção popular dos referidos locais tem como referencial teórico duas disciplinas auxiliares da Ciência da Religião: a Geografia da Religião e História Religiosa. Procurando responder à problemática de como cemitérios desses locais se tornaram centros de peregrinação e fé ímpares, categorias dessas áreas do conhecimento serão o arcabouço para conjecturar, por meio de um olhar histórico-espacial, como tais territórios (des)territorializados se (re)territorializaram através do tempo, e como uma imagem localizada no campo-santo do distrito de Córregos se confunde com a fé em Nossa Senhora Aparecida, nomeada padroeira do Brasil pela Igreja Católica, ao mesmo modo que tivemos em vista estudar a singularidade do Cemitério do Peixe, que desde o século XIX, cultua a morte de um modo muito particular. Apetecemos que nossa análise temporal e espacial de tais práticas tão características do povo concepcionense possa exibir a configuração díspar do uso de tais necrópoles.

Palavras-chave: Conceição do Mato Dentro; Cemitério do Peixe; Nossa Senhora Aparecida de Córregos.



IMPLICAÇÕES DA CONCESSÃO PRIVADA DOS CEMITÉRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Pedro Lima Shiraishi
Universidade de São Paulo (USP)
plimashiraishi@usp.br

José Guilherme Cantor Magnani
Universidade de São Paulo (USP)
<mailto:jmagnani@usp.br>

As políticas neoliberais adotadas pelo estado de São Paulo nas últimas décadas, têm orientado a privatização dos serviços e logradouros públicos. Nessa lógica, os parques municipais foram os primeiros a serem concedidos à iniciativa privada. Dentre esses serviços públicos, a concessão dos cemitérios municipais ocorreu de forma sutil, e com pouco “alarde” da imprensa. Por se tratar de concessões recentes, foi possível perceber algumas mudanças em comparação com os cemitérios, antes deste processo. Esta alteração realocou os antigos funcionários, que tiveram suas funções reorganizadas dentro das novas gestões. A partir das idas a campo realizadas no âmbito da pesquisa desenvolvidas “Cemitério também é cidade: uma análise antropológica dos espaços cimiteriais urbanos” realizada pelo (Laboratório do núcleo de antropologia urbana da USP) foi possível refletir sobre algumas destas questões, em uma tentativa de compreender de que modo essas concessões refletem nas práticas dos servidores. Este trabalho tem como objetivo expor as questões observadas em relação à posição dos servidores nos cemitérios concessionados, sobre como encaram a administração privada.

Palavras-chave: administração privada; cemitérios; servidores.



MEMÓRIAS PÓSTUMAS: O PATRIMÔNIO FUNERÁRIO DA VÁRZEA, RECIFE/PERNAMBUCO.

Pollyana Calado de Freitas
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
pollycalado03@gmail.com

O Patrimônio Funerário, conceitualmente, abarca espaços, artefatos e rituais relacionados à morte e o morrer, os quais, de maneira geral, representam elementos com uma intencionalidade cultural funerária. A Arqueologia desempenha um papel significativo na análise desse patrimônio, tanto do ponto de vista técnico quanto afetivo, dado seu interesse social no estudo das materialidades e pelo tema funerário e cemiterial, como locus de estudo, já se apresentar inserido no universo da Arqueologia Afetiva. O Cemitério da Várzea é um dos cinco cemitérios públicos administrados pela prefeitura do Recife. Sua origem remonta ao século XIX e está relacionada ao contexto higienista que produziu uma materialidade específica para o controlar e vigiar os corpos, incluindo cemitérios, hospitais, prisões, manicômios, mercados, entre outros. A necessidade da implantação nesse território, a escolha do terreno, o direcionamento do uso, entre outras questões, são indicadores fundamentais para compreender a construção social desse espaço. Dada a sua historicidade e significância para a comunidade, é pertinente analisá-lo como um potencial bem cultural passível de patrimonialização, especialmente pela implicação política que decorre dessa valoração, uma vez que se trata de um Patrimônio Periférico.

Palavras-chave: arqueologia afetiva, patrimonialização, cemitério periférico.



CEMITÉRIOS ONTEM E HOJE: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NOS ESPAÇOS CEMITERIAIS DO ESTADO DO AMAPÁ

Tiago Varges da Silva
Universidade Federal de Goiás (UFG)
tiagovarges@gmail.com

A presente comunicação tem por objetivo discutir o processo de adaptação e reconfiguração espacial dos cemitérios amapaenses ao longo da pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 a 2023, a partir de dois cemitérios públicos: o Cemitério Municipal São Francisco de Assis, localizado na capital Macapá e o Cemitério São Jorge, situado na cidade de Tartarugalzinho. Em decorrência do advento da emergência sanitária, esses cemitérios foram profundamente impactados pela demanda de novos sepultamentos em um curto espaço de tempo, o que implicou em alterações estruturais e espaciais. E, logo após o fim da pandemia, percebeu-se uma preocupação em tornar esses espaços mais funcionais e acolhedores para os usuários e visitantes. Dessa maneira, propomos problematizar este movimento que alterou não só as estruturas físicas destes lugares, mas também a maneira como esses espaços foram (re)apropriados pelas comunidades locais, visto que, no período pandêmico, os cemitérios foram interditados.

Palavras-chave: cemitérios amapaenses; pandemia; história cemiterial.



OS RITUAIS PANDÊMICOS: GESTÃO DA MORTE E MODOS DE PRODUÇÃO DE MEMÓRIA NA PANDEMIA DE COVID-19 ATRAVÉS DAS ENLUTADAS

Weverson Bezerra Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
E-mail: weversonsilbez@gmail.com

Do ponto de vista antropológico, a morte e o morrer são considerados *atos sociais totais* que permitem compreender a sociedade em que vivemos e suas singularidades, de acordo com o contexto histórico em que o indivíduo está inserido e com suas relações culturais, pois esses eventos transcendem o âmbito individual e desempenham um papel fundamental na construção da identidade coletiva, nas crenças, nos valores, nos rituais e nas formas de lidar com o luto, refletindo assim a complexidade dos cenários da morte. Em meio a uma pandemia, na qual a doença e a morte individuais/coletivas se fundem em uma experiência coletiva e traumática, os desafios se multiplicam, chamando a atenção não apenas para os aspectos sanitários, mas também para as dimensões sociais, simbólicas, políticas e éticas desse fenômeno. Este trabalho se insere-se no campo da Antropologia da Morte, buscando compreender os processos ritualísticos das vítimas da Covid-19 na pandemia, por meio das experiências de mulheres enlutadas que perderam seus entes no ambiente hospitalar, no momento das restrições nos *ritos de passagem*.

Palavras-chave: pandemia; ritual; antropologia da morte.